



Logos, ethos e pathos como estratégias argumentativas

Análise de uma notícia do *Diário de Pernambuco*

Glaucia Peçanha Alves

Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS/SEEDUC-RJ), Brasil
orcid.org/0000-0003-0928-9181

Este artigo, partindo do pressuposto de que a argumentação é uma dimensão inerente a todo discurso, tem por objetivo analisar uma notícia a fim de se averiguar como a argumentação ocorre pela mobilização do *logos*, do *ethos* e do *pathos* por meio da seleção de itens lexicais considerando todo o contexto em que tais itens se encontram. Para tanto, foram adotados os pressupostos teóricos da Teoria da Argumentação no Discurso proposta por Amossy (2011; 2017; 2020). Do ponto de vista metodológico, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa em que foi analisada uma notícia publicada no jornal *Diário de Pernambuco*. A análise permitiu constatar que a argumentação foi sendo construída ao longo de todo o discurso por meio da mobilização das três provas retóricas, que ocorreu pela seleção lexical. E essa seleção evidenciou a força e o direcionamento argumentativo na notícia analisada.

Palavras-chave: Argumentação. *Logos*. *Ethos*. *Pathos*.

Logos, ethos y pathos como estrategias argumentativas

Análisis de una noticia del *Diário de Pernambuco*

Este artículo, basado en el supuesto de que la argumentación es una dimensión inherente a todo discurso, tiene como objetivo analizar una noticia para determinar cómo se produce la argumentación a través de la movilización de *logos*, *ethos* y *pathos* a través de la selección de elementos léxicos considerando todo el contexto en que se encuentran dichos elementos. Para ello, se adoptaron los presupuestos teóricos de la Teoría de la Argumentación en el Discurso propuesta por Amossy (2011; 2017; 2020). Desde el punto de vista metodológico, se realizó una investigación cualitativa en la que se analizó una noticia publicada en el diario *Diário de Pernambuco*. El análisis mostró que el argumento se construyó a lo largo del discurso a través de la movilización de las tres pruebas retóricas, lo que ocurrió a través de la selección léxica. Y esta selección evidenció la fuerza y dirección argumentativa en la noticia analizada.

Palabras clave: Argumentación. *Logos*. *Ethos*. *Pathos*.

Logos, ethos and pathos as argumentative strategies

Analysis of a news from the *Diário de Pernambuco*

This article, assuming that argumentation is an inherent dimension to all discourse, aims to analyse a news item in order to ascertain how argumentation occurs by mobilising the *logos*, *ethos* and *pathos* through the selection of lexical items considering the entire context in which such items are found. To this end, the theoretical assumptions of the Theory of Argumentation in the discourse proposed by Amossy (2011; 2017; 2020) were adopted. From a methodological point of view, a qualitative research was conducted in which a news article published in the newspaper *Diário de Pernambuco* was analysed. The analysis showed that the argument was built throughout the speech through the mobilization of the three rhetorical tests, which took place through lexical selection. And this selection evidenced the strength and argumentative direction in the analyzed news.

Keywords: Argumentation. *Logos*. *Ethos*. *Pathos*.

Introdução

O presente trabalho tem como objeto de estudo a argumentação, entretanto em uma perspectiva ampliada para além de um tipo textual, sem considerar somente os textos que se organizam por sequência argumentativa dominante, como definido por Adam (2019). Porque é fato que a tipologia argumentativa, de certa forma, não está num paralelo exato com as demais, e sua abordagem deve levar em conta pelo menos, para além da dimensão discursiva-textual, ainda, os aspectos retórico, dialético, lógico e linguístico (AMOSSY, 2020; CONFORTE, 2016).

O objetivo do trabalho é analisar uma notícia a fim de se averiguar como a argumentação ocorre pela mobilização do *logos*, do *ethos* e do *pathos* por meio da seleção de itens lexicais considerando todo o contexto (linguístico e extralinguístico) em que tais itens se encontram. Essas provas são combinadas no discurso com o propósito de persuadir o auditório (o alocutário ou o interlocutor)¹. Para tanto, partiu-se do pressuposto de que a argumentação é uma dimensão inerente a todo discurso. Por isso, a Teoria da Argumentação no Discurso de Ruth Amossy foi adotada para a realização dessa análise. A autora considera os princípios da argumentação da retórica em uma abordagem discursiva.

Do ponto de vista metodológico, foi realizada uma pesquisa qualitativa que teve como *corpus* uma notícia publicada no jornal *Diário de Pernambuco*, no ano de 2021, referente ao caso do menino Henry Borel. Optou-se pelo gênero notícia porque a hipótese deste trabalho está baseada na impossibilidade de um texto expor fatos sem que o autor se comprometa com o que é escrito/falado, sem que ele se posicione, de fato, sobre o que está sendo exposto, mesmo esse texto sendo classificado como expositivo, pertencente ao campo do relatar. E Citelli (2004, p. 76 *apud* VALENTE, 2011), corroborando com essa hipótese, diz que a variável persuasiva da linguagem “apresenta-se, também, no discurso jornalístico impresso ou eletrônico posto em circulação pelo rádio, internet, televisão, revista ou jornal”. Assim sendo, mesmo não apresentando uma “intenção argumentativa”, as marcas da argumentação podem ser encontradas em um texto do gênero notícia. Além disso, “o discurso da mídia vem sendo objeto de muitas investigações por parte de especialistas da Análise do Discurso. Trabalhos sobre a manipulação da linguagem

¹ Os termos leitor, interlocutor, alocutário e auditório podem estar em uma relação sinonímica, mas nem sempre há uma correspondência entre alguns desses termos. Neste trabalho, eles estão sendo tratados como termos sinonímicos.

mediática ou aspectos expressivos nela encontrados ganharam destaque no meio acadêmico” (VALENTE, 2011, s/p.).

Para além desta introdução, o texto está organizado da seguinte forma: na seção um, há os pressupostos teóricos sobre argumentação no discurso e, também, sobre as provas retóricas, *logos*, *ethos* e *pathos*. Na seção dois, o procedimento metodológico adotado para a realização da análise é apresentado. Na terceira seção, há a análise da notícia selecionada. Em seguida, apresentam-se as considerações finais. Por fim, são expostas as referências usadas para a realização deste trabalho.

1 Pressupostos teóricos

1.1 A argumentação no discurso

Para a realização deste trabalho, foram adotados os pressupostos da Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) proposta e desenvolvida por Amossy (2011, 2017 e 2020), pois essa teoria, considerando o princípio dialógico da linguagem postulado por Bakhtin, baseia-se na ideia de que o discurso possui uma dimensão argumentativa, isto é, baseia-se na ideia de que a argumentação é uma dimensão constitutiva do discurso. Ademais, a TAD busca a interpretação das marcas da negociação do *logos*, do *ethos* e do *pathos* nos discursos, que se materializam por meio dos textos.

Amossy (2011) amplia a concepção de argumentação, pois, além da adesão à tese, já considerada na Nova Retórica, a autora considera também a adesão aos modos de pensar, de ver e de sentir. Essa noção proposta por ela trata a argumentação no discurso, como um fato do discurso e não da língua, como defendem alguns teóricos (da teoria da Argumentação na língua), e, ainda, reivindica o lugar da argumentação nas Ciências da Linguagem.

Na Teoria da Argumentação do Discurso proposta por Amossy (2011), a argumentação é entendida como

[a] tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário. Essa é a definição que eu desenvolvi em *L'argumentation dans le discours* (2006 [2000]), ampliando a da nova retórica de Perelman, pela tentativa de fazer aderir não somente a uma tese, mas também a modos de pensar, de ver, de sentir. Essa ampliação permite à argumentação, tomada como sinônimo de retórica ou de arte de persuadir, tratar do vasto leque de discursos, tanto os privados, quanto os públicos, que circulam no espaço contemporâneo, e reivindicar seu lugar nas Ciências da Linguagem sem, por isso, precisar, como sugere Patrick Charaudeau, recorrer à psicologia ou à psicologia social (AMOSSY, 2011, p. 13).

A TAD, além dos elementos linguísticos (materialidade linguística), considera, em sua análise, todos os elementos envolvidos na cena enunciativa. É uma perspectiva mais geral, pois considera o locutor², os interlocutores, o contexto discursivo, o situacional, os gêneros etc.

Em síntese, de acordo com Amossy (2011), a TAD

1. Estuda os argumentos em língua natural, na materialidade do discurso, como elemento integrante de um funcionamento discursivo global.
2. Situa a argumentação, assim compreendida, em uma situação de enunciação precisa, da qual importa conhecer todos os elementos (participantes, lugar, momento, circunstâncias etc.).
3. Estuda a maneira como a argumentação se inscreve no interdiscurso, situando-se, quanto ao que se diz, antes e no momento da tomada da palavra, no modo da retomada, da modificação, da refutação, do ataque...
4. Leva em conta a maneira como o *logos*, ou o emprego de argumentos em língua natural, alia-se, concretamente, ao *ethos*, a imagem de si que o orador projeta em seu discurso, e ao *pathos*, a emoção que ele quer suscitar no outro e que também deve ser construída discursivamente (AMOSSY, 2011, p. 134).

Desse modo, a proposta de Amossy toma a argumentação como uma dimensão inerente a todo discurso e permite que as provas aristotélicas da retórica clássica, *logos*, *ethos* e *pathos*, sejam retomadas e analisadas nos discursos nos quais as estratégias de persuasão são utilizadas.

1.2 As provas retóricas

A noção de que o raciocínio argumentativo fornece provas para embasar determinada tese advém das provas retóricas (artísticas) apresentadas por Aristóteles. Ele apresenta dois tipos de provas: as técnicas e as retóricas. Na impossibilidade de se apresentar provas técnicas (inartísticas), materiais, como, por exemplo, a arma de um crime, poderiam se valer das provas retóricas, a saber, *logos*, *ethos* e *pathos*. Segundo o autor, essa tríade garante a persuasão do ato discursivo.

Desde a retórica clássica, o *logos* sempre esteve vinculado à dimensão da racionalidade. Plantin (2005, p. 92) afirma que o *logos* é uma “prova proposicional” (conclusões, teses) em oposição ao *ethos* e ao *pathos* (“não-proposicionais”). Está diretamente relacionada à persuasão por meio da qual o orador demonstra ou tenta demonstrar a verdade (ou a verdade aparente) pelo próprio discurso, isto é, usa a

² Os termos locutor, orador e enunciador estão sendo tratados nesse trabalho como termos sinônimos.

lógica, a razão a fim de fundamentar sua tese. Como Aristóteles (1998, p. 50) afirmou, “persuadimos, enfim, pelo discurso, quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que parece persuasivo em cada caso particular”.

Assim, o orador apresenta suas conclusões de modo racional fazendo uso de premissas. E pode-se dizer que há uma proximidade entre o *logos* e a evidência factual. Os locutores usam o *logos* para convencer o auditório de seus argumentos apresentando fatos, utilizando a lógica ou a razão. Usam argumentos como dados, estatísticas, exemplos etc. para convencer em vez de tentar apelar para as emoções ou os sentimentos do auditório, convence-se o auditório por meio do raciocínio lógico.

Já o *ethos*, para Aristóteles (1998), é a “imagem de si” construída no discurso. O *ethos* “está [...] vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde a seu discurso, e não ao indivíduo “real” (apreendido) independentemente de seu desempenho oratório: é, portanto, sujeito da enunciação” (MAINGUENEAU, 1993, p. 138). Todavia, numa perspectiva de análise argumentativa, o discurso pode, também, construir um *ethos* que está fundamentado em dados pré-discursivos diversos.

Amossy (2020, p. 89) assevera que “é, afinal, a imagem que o locutor constrói, deliberadamente ou não, em seu discurso, que constitui um componente da força ilocutória”, isso corresponde ao *ethos* discursivo que, contudo, é construído apoiando-se em elementos preexistentes, como a ideia que o auditório faz do locutor antes mesmo do ato de fala, ou a autoridade que tem devido à sua posição ou *status*, para elaboração da imagem do locutor. Essa noção desenvolvida por Amossy (2005), constitui o *ethos* prévio ou pré-discursivo. Assim, a autora demonstra a imbricação do *ethos* discursivo e do *ethos* prévio. O *ethos* prévio “precede à tomada de palavra e a condiciona parcialmente” (AMOSSY, 2020, p. 90).

Amossy (1999 *apud* MARQUES, 2011), assim como Adam (1999 *apud* MARQUES, 2011) e Maingueneau (2002 *apud* MARQUES, 2011), “reanalisa e desenvolvem teoricamente [o *ethos*], a fim de integrar na teoria da argumentação o *ethos* do locutor, mas também do alocutário, o *ethos* individual e o *ethos* coletivo, o *ethos* discursivo, pré-discursivo e o *ethos* efetivo” (MARQUES, 2011, p. 287).

E, por fim, o *pathos* está relacionado às paixões, às emoções, ao afetivo, isto é, por meio desta prova retórica, busca-se atingir o emocional do interlocutor a fim de conquistar sua adesão à tese, à argumentação apresentada, aos modos de pensar, de ver e de sentir. Como Aristóteles explica em sua obra, *Retórica*, “persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do

discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio” (ARISTÓTELES, 1998, p. 49).

Desse modo, o *pathos* incide diretamente sobre o auditório. Aristóteles pontuou sobre a importância de se examinar as características do auditório e as consequências advindas da ação do *pathos*, pois, se o orador quiser fazer uso da cólera, da indignação, da piedade como meio oratório, ele precisará ver o que pode tocar a afetividade, conhecer a natureza das emoções e o que as suscita e procurar saber a quais sentimentos o alocutário é suscetível em virtude de seu *status*, de sua idade, de suas condições sociais, do contexto sociocultural, situacional etc.

Aristóteles (1998, p. 160) afirma que “as emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer [...]”. O *pathos* é a prova retórica relacionada à emoção, ao sentimento que o orador busca suscitar em seu auditório com fins estratégicos de persuasão, “pois é importante tanto comover quanto convencer, caso se queira conseguir a adesão e modelar comportamentos” (AMOSSY, 2020, p. 18).

2 Metodologia

Do ponto de vista metodológico, realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa, pois, a partir da fundamentação teórica adotada, foi feita uma análise interpretativa do objeto de estudo. O *corpus* é constituído por uma notícia sobre o caso da morte do menino Henry Borel publicada no jornal *Diário de Pernambuco* no dia 09 de abril de 2021 (Anexo). Sua escolha deve-se à opção por um jornal que não fosse do estado dos envolvidos no caso, para diminuir a possibilidade de certa interferência de (des)favorecimento, inclusive, por um dos envolvidos ser uma pessoa pública. Isso com o intuito de buscar um contexto mais neutro (nesse sentido), mesmo não acreditando na neutralidade discursiva.

Tomando por base que a argumentação está em todo e qualquer discurso (dimensão argumentativa), optou-se por se trabalhar com o gênero notícia, que apresenta um discurso caracteristicamente informacional, é um discurso que se pretende neutro, imparcial. Contudo, esse trabalho parte da premissa de que não há imparcialidade nos textos jornalísticos, pois um jornalista acaba se posicionando, por exemplo, nas escolhas lexicais que faz. Sendo assim, o procedimento de análise foi diferente do utilizado em um texto cujas finalidades primeiras são convencer e persuadir e, portanto, apresentam argumentos formais, como um artigo de opinião, por exemplo. Neste trabalho, o procedimento foi realizado pela análise dos

elementos da linguagem considerando todo o contexto (linguístico e extralinguístico) em que tais elementos se encontram.

3 Análise do corpus

A análise do texto teve como ponto de partida a identificação da estrutura macrotextual, o gênero (AMOSSY, 2017), a fim de determinar o procedimento de análise. O texto que constitui o *corpus* deste trabalho é uma notícia do jornal *Diário de Pernambuco*.

O *Diário de Pernambuco* é um jornal antigo, sério e conceituado, tem credibilidade junto aos seus leitores apresentando, assim, um *ethos* prévio positivo de um jornal que busca a verdade dos assuntos por ele noticiados. A imagem que se tem, previamente, é de um jornal que apresenta informações confiáveis (é o mais antigo da América Latina).

A notícia tem como manchete o seguinte título: “*Sessão de tortura*” causou morte de Henry. O título, normalmente, apresenta uma síntese precisa do texto e é formulado com o propósito de chamar a atenção do leitor de forma tal que o persuada a ler a notícia.

Os temas trágicos costumam atrair, captar o leitor para a leitura. Sendo assim, a seleção do sintagma “*sessão de tortura*”, na manchete, por si só, já pode atrair as pessoas e despertá-las para ler todo o texto. E como essa não foi a primeira notícia sobre esse caso, o público leitor já estava a par de que se tratava de uma criança, logo, o uso desse sintagma pode suscitar sentimentos de indignação, ódio e revolta (*pathos*) contra os agressores da criança e de consternação pelo que o menino passou.

Não há na manchete nenhuma menção a sentimentos, mas o texto contém uma tópica, pois está associado a uma situação que, na cultura ocidental, justifica determinadas emoções: assassinato, principalmente de criança, como nesse caso. As crianças são inocentes, indefesas, o que já faz com que o leitor fique sensível ao que possa lhes acontecer.

Ademais, o sintagma supracitado, além de funcionar como sujeito da oração, foi apresentado estrategicamente pelo autor do texto de forma topicalizada, ou seja, a seleção lexical possui uma forte orientação argumentativa de criminalizar os agressores da criança (a tortura é um crime hediondo) e direciona a atenção, principalmente, para a causa da morte, pelo modo que ocorreu. E o fato de estar entre aspas apresenta duas conotações: ter sido chamada de “*sessão de tortura*” por

outra pessoa que não o enunciador e a intenção de diferenciar da “sessão de tortura” que há no imaginário do povo, inclusive com instrumentos preparados para tortura, portanto, seria um uso com um tom mais metafórico, apesar de realmente ter sido uma tortura aos olhos de toda sociedade.

No entanto, mesmo sendo fala de uma outra pessoa, o locutor decidiu fazer uso desses termos e colocá-los na manchete, o que demonstra sua intenção de gerar comoção e, de certa forma, dizer que a morte não foi acidental. Tal escolha reflete nitidamente o ponto de vista sobre o qual o jornal constrói sua argumentação. E, também, ele vai formando seu *ethos* discursivo se baseando no *ethos* prévio de seus leitores, tendo por objetivo se aproximar desse público leitor. Dessa forma, por meio de seu discurso, revela-se sua personalidade, pois, classificando isso como “sessão de tortura”, se considera, portanto, indignado, oposto a todo esse ato, assim como tem certeza que seus leitores também.

No subtítulo, “Investigação policial indica que o garoto teria sido espancado pelo padrasto, Dr. Jairinho, e a mãe do menino, Monique Medeiros, saberia dos maus-tratos”, já há um início da construção do *ethos* discursivo da mãe e do padrasto. O texto informa que o padrasto teria espancado o garoto, ou seja, cria-se a imagem de um agressor, um agressor de criança. E o fato de apontar a possibilidade de a mãe saber dos maus-tratos, cria-se um *ethos* de uma mãe conivente e que não se preocupava, de fato, com o bem-estar do filho e não o tinha acima de todos, pois foi indiferente.

Além disso, o contexto é considerado, as informações prévias (conhecimento de mundo), e os leitores podem relacionar esse caso com as informações que tiveram acesso sobre o padrasto já ter agredido outras crianças, filhas de ex-namoradas. Isso, inclusive, além de estar relacionado a um *ethos* prévio, está relacionado também ao *logos*, pois seria um exemplo real. Os leitores, nesse caso, trariam à memória fatos acontecidos anteriormente.

Ainda na análise do subtítulo, pode-se dizer que ele constitui um argumento de base racional (*logos*) também, porque serve para comprovar uma asserção, até então, implícita: padrasto e mãe são culpados pela morte do menino Henry, pois é uma informação (o subtítulo) dada com base na investigação policial, ou seja, uma fonte confiável. Outrossim, pode-se perceber que este não se trata apenas de um recurso lógico, uma vez que a informação dada também pode gerar um efeito de indignação, cólera, revolta (*pathos*) no leitor ao saber que um ser indefeso foi espancado e, ainda, que a mãe sabia e nada fez.

Por conseguinte, para trazer mais impacto ao leitor, dentro desse argumento discursivo apresentado, destaca-se o emprego dos vocábulos “espancado” e “maus-tratos”, de modo que essas classificações podem provocar maior força emotiva. Inclusive, a escolha de “espancado” em vez de “agredido fisicamente”, que normalmente é usado no meio jornalístico, tem uma carga mais negativa e pode despertar maior emoção. Sendo assim, apesar da não assunção da responsabilidade enunciativa, pois coloca a responsabilidade na investigação policial, o jornal se posiciona ao utilizar esses vocábulos.

O primeiro parágrafo, assim como o subtítulo, constitui um argumento de base racional (*logos*), pois traz uma informação da Polícia Civil, afirmando que “já concluiu que a morte do menino Henry Borel, de 4 anos, foi provocada por uma ‘sessão de tortura’ ministrada pelo padrasto da criança”. Não foi qualquer pessoa ou órgão que “concluiu”, foi uma instituição séria e respeitada pela sociedade. E o fato de mencionar que “já concluiu”, constitui algo incontestável, portanto, é uma prova. Além disso, informar que o menino tinha “4 anos”, há uma intenção de tocar também na emoção do leitor (*pathos*), pois essa quantificação mostra o quanto a criança era pequena, sem condições de se defender e isso pode gerar mais revolta e indignação contra os responsáveis pelo crime e lamento e dor pelo menino.

Outro ponto a ser destacado nesse primeiro parágrafo é o fato de o jornal citar o cargo desse padrasto: vereador. Aqui há mais um *ethos* prévio dele. Ele como vereador, um funcionário público, deveria zelar pelo bem do povo, no entanto, foi exatamente o contrário que aconteceu, e pior ainda por envolver uma criança.

E ao dizer que “O inquérito ainda não foi encerrado, mas deve ser encaminhado nos próximos dias ao Ministério Público do Rio de Janeiro”, pode-se observar a questão do valor argumentativo nesse período, pois destaca-se o uso de dois operadores argumentativos: “ainda” e “mas” (a TAD, além de buscar interpretar as marcas de negociação do *logos*, do *ethos* e do *pathos*, analisa esquemas de raciocínio e traços da linguagem como, por exemplo, os operadores). O “ainda”, além de servir como marcador temporal de excesso, serve também como introdutor de um argumento mais forte e decisivo para uma conclusão. Por isso, apesar de a apuração da verdade dos fatos não ter sido finalizada, o caso já será, mesmo assim, encaminhado ao Ministério Público (MP). O operador “mas” denota uma mudança de estado: ele encabeça um argumento que se opõe ao que se infere por meio do que foi dito no enunciado anterior. Dessa forma, pela lógica, se o inquérito não foi encerrado, não deveria haver certeza sobre o caso e, assim sendo, ainda não deveria

ter sido encaminhado ao MP, mas ele foi encaminhado, ou seja, sabem que eles têm culpa. É isso que o jornal apresenta por meio das informações obtidas.

O segundo parágrafo, de igual forma, constitui um argumento de base racional (*logos*), pois traz uma informação do delegado Henrique Damasceno, responsável pelo caso, afirmando que “a polícia tem provas suficientes de que o padrasto foi o responsável pela morte da criança”. E expõe a fala do delegado: “Não resta a menor dúvida sobre a autoria do crime. A investigação segue, entretanto já reunimos provas muito fortes a respeito de toda essa dinâmica e participação de cada um deles” (na fala do delegado também há um operador argumentativo, “entretanto”, que funciona igual ao “mas” explicado acima). Aqui o locutor, o jornal, utilizou a estratégia lógica do argumento de autoridade.

No terceiro parágrafo, o jornal escolhe o vocábulo “vereador” para a posição de sujeito-agente, ou seja, está evocando o *ethos* prévio profissional, que é uma pessoa pública, do agressor, justamente, para destacar que não foi qualquer pessoa que cometeu essa ação inaceitável, mas uma pessoa que deveria trabalhar em prol do povo. Destaca-se também o uso dos vocábulos “chutes” e “socos” para detalhar os modos de agressão. O jornal teria a possibilidade de somente citar que o padrasto agredia o menino, no entanto, optou pelo uso do adjunto adverbial para trazer mais veracidade à notícia e, também, porque essas palavras podem tocar ainda mais no emocional. Os leitores, ao lerem que a criança era agredida com “chutes e socos”, podem ficar revoltados, com muita raiva, indignados (*pathos*).

É interessante destacar o quanto o contexto faz toda a diferença. Se esses mesmos vocábulos fossem utilizados para dizer que o povo fez justiça com as próprias mãos e que os responsáveis pela morte da criança levaram “chutes e socos”, o sentimento despertado nos leitores, provavelmente, já não seria de revolta e indignação, mas sim de satisfação (*pathos*). Pensamento de que, nesse caso, a agressão foi merecida. E, novamente, há a informação de que Monique Medeiros (a mãe) sabia das agressões (*ethos* de uma mãe conivente).

No quarto parágrafo, ao dizer que “o casal afirma que encontrou a criança caída da cama, na madrugada do dia 8 de março. Porém, a autópsia apontou como causa da morte hemorragia interna no fígado com sinais de violência”, o jornal descredibiliza o casal por meio do operador argumentativo “porém”, que introduz um argumento mais forte que se opõe à inferência da informação anterior. Isto é, ao expor que o casal afirma que encontrou a criança caída, o jornal mostra que mãe e padrasto buscaram passar a ideia de que um acidente havia ocorrido, que eles não

teriam culpa, todavia, o argumento posterior traz um parecer baseado em autópsia apontando que não foi um acidente, pois havia “sinais de violência”.

O jornal acrescenta que “a equipe médica afirmou que Henry já chegou morto no hospital” e que “além do fígado, a criança teve lesões na cabeça, no rim e pulmão”. Isto é, traz a fala de uma categoria (médica) respeitada pela sociedade e competente para falar sobre o assunto. O uso do operador argumentativo “já”, além de evidenciar um caráter temporal, apresenta uma quebra de expectativa e, assim como o “mas” também apresenta um valor contrastivo, pois o casal tentou simular que tentou de tudo e foi rapidamente buscar ajuda médica, mas a verdade é que a criança já estava sem vida. E o operador “além de” acentua a gravidade da agressão: a criança não foi atingida somente na região do fígado, mas também na região do rim e na cabeça (o acréscimo dessas regiões pode ir gerando revolta, indignação no leitor e tristeza e lamento pelo que o menino passou – *pathos*).

Ainda no quarto parágrafo, o jornal vai construindo um *ethos* discursivo de dissimulados, de falsos, de mentirosos do padrasto e da mãe. Há também as estratégias do *logos*, pois o jornal traz dados de uma categoria competente para embasar a tese de culpabilidade do casal, e do *pathos*, pois todas essas informações podem suscitar emoções nos leitores.

No quinto parágrafo, há o uso da estratégia do *logos*, pois o jornal traz informações mostrando que testemunhas foram ouvidas, que provas foram encontradas como, por exemplo, *prints* de conversas denunciando agressões sofridas pela criança, isso um mês antes de ela ser morta. Além disso, essas informações suscitam as emoções (*pathos*). A seleção do sintagma “rotina de violência”, a narrativa mostrando o que o padrasto fez com a criança e como ela ficou também podem despertar sentimentos nos interlocutores. E há também a continuidade da construção do *ethos* discursivo da mãe, pois mostra que “ela esteve em depoimento por mais de quatro horas com uma declaração mentirosa protegendo o assassino do filho”. Logo, forma-se um *ethos* de dissimulada (reforçado pelo quantitativo das horas), de mentirosa (adjetivo usado para classificar a declaração dada por ela) e de cúmplice (diz que protegeu o assassino do filho).

O sexto parágrafo funciona como um argumento de base racional (*logos*). Há o uso da estratégia lógica do argumento de autoridade, pois traz uma informação dada pelo promotor Marcos Cak afirmando que a versão inicial de acidente doméstico, apresentada pelo casal, não se sustentou ao longo da investigação, que a versão era fantasiosa. Além disso, acrescenta que o MP e a Polícia não trabalham com opinião, trabalham com provas. Por isso, ao afirmar que a versão do casal é fantasiosa, fica

provado que o casal inventou uma história, mentiu. Com isso, mais uma vez, é apresentado um *ethos* de mentiroso do casal. E, conseqüentemente, isso pode gerar mais indignação e revolta no alocutário. Pode-se observar, por meio da análise, que a teoria de Aristóteles acerca da importância das três provas se confirma, pois o *logos*, o *ethos* e o *pathos* estão imbricados no discurso.

No sétimo parágrafo, o jornal, ao optar pelo uso da locução verbal “tentaram combinar”, demonstra seu posicionamento acerca da culpabilidade do padrasto e da mãe do menino, porque, se eles precisavam combinar depoimentos com as testemunhas, logo, não se pautariam na verdade. Em seguida, apresenta uma informação dada pela polícia dizendo que “os dois não resistiram, porém tentaram jogar celulares pela janela”. Essa informação reforça a culpa do casal, pois o uso do operador “porém”, como já foi explicado, se opõe ao que se infere da sentença anterior, pois o fato de os dois não resistirem poderia apontar para a colaboração e até inocência deles, mas, em seguida, houve o uso do “porém” apresentando um argumento mais forte: “tentaram jogar os celulares pela janela”, ou seja, tinham algo a esconder. Há também o uso do operador “além disso” apresentando mais um argumento para somar com o anterior: eles não foram encontrados no endereço que deveriam estar, antes, estavam em outro endereço. Aqui, por meio do discurso, o *logos* é apresentado e o *ethos* discursivo do casal vai sendo complementado.

No oitavo e no nono parágrafos, a estratégia foi o uso do *pathos*. Para isso, a fala do pai foi reproduzida a fim de comover os leitores, com a possibilidade de despertar a tristeza, o lamento. Além dessa comoção, a frase no oitavo parágrafo pode suscitar raiva, pois, ao lerem “esta infeliz”, que transparece a indignação e/ou a raiva do pai do menino, os interlocutores podem se unir ao pai e, em um movimento de empatia, também podem sentir raiva. Assim como o uso do diminutivo “filhinho” ao dizer que o filho “deve ter sofrido muito”. Assim, essa fala do pai apresentada, inclusive, em discurso direto, pode tocar no sentimental. E a declaração do pai do menino, no nono parágrafo, demonstra a sua dor, o seu desalento e o seu sentimento de impotência e tudo isso pode despertar emoções no auditório.

No décimo e no décimo primeiro parágrafos, o jornal também se valeu da estratégia do *pathos*. Ao apresentar informações sobre o parecer do partido político e do Conselho de Ética da Câmara dos vereadores que o padrasto integrava, podem ser suscitados os sentimentos de satisfação, de contentamento e de prazer no auditório, pois este, com certeza, considera as medidas de afastamento e suspensão do salário acertadas, ou melhor, com certeza, pensam ser o mínimo que já deve ser feito (essa é a provável visão do auditório).

Portanto, ao construir o *ethos* dos envolvidos no caso e se colocar numa posição contrária à deles, pois os reprova, o jornal, também, forma seu *ethos* discursivo. E, pode-se observar, também, no texto, que a concepção da imagem (*ethos*), os elementos emocionais (*pathos*) e os racionais (*logos*) estão imbricados para formular argumentos e contribuir decisivamente para o sucesso da argumentação.

Considerações finais

Este trabalho, partindo do pressuposto de que a argumentação é uma dimensão inerente a todo discurso, teve por objetivo analisar uma notícia a fim de se averiguar como a argumentação ocorre pela mobilização do *logos*, do *ethos* e do *pathos* por meio da seleção de itens lexicais considerando todo o contexto (linguístico e extralinguístico) em que tais itens se encontram.

A partir da análise do *corpus* desta pesquisa, pode-se constatar que, realmente, como defende Amossy, a argumentação não ocorre somente quando há adesão a uma tese (de modo formal), mas também a modos de pensar, de ver e de sentir, pois um discurso pode modificar, reorientar, ou mais simplesmente, reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão do alocutário (do auditório) sobre determinado assunto.

No texto analisado, a argumentação não ocorre, por exemplo, como em artigos de opinião, pelo emprego de argumentos formais, simplesmente, mas foi sendo construída ao longo de todo o discurso por meio da mobilização das três provas retóricas, que se deu pela seleção lexical. Portanto, embora o *corpus* seja composto por uma notícia, gênero classificado como informativo, expositivo, que tem por objetivo principal relatar um acontecimento sem apresentar opinião, a seleção lexical, inclusive a opção por determinados operadores argumentativos, a distribuição das informações no texto (como, por exemplo, as topicalizações) e a decisão de apresentar determinada informação em detrimento de outras evidenciam a força e o direcionamento argumentativo na notícia analisada.

Sendo assim, confirma-se a hipótese de a impossibilidade de um texto expor fatos sem que o autor se comprometa com o que é escrito/falado, sem que se posicione, de fato, sobre o que está sendo exposto, mesmo esse texto sendo classificado como expositivo, pertencente ao campo do relatar.

Dessa forma, pode-se afirmar que os leitores, apesar de não terem visto o padrasto da criança agredindo-a, não terem presenciado a mãe sendo conivente nem

terem certeza de que houve encenação nos depoimentos, acreditaram que padrasto e mãe são culpados pela morte da criança (isso fica comprovado, inclusive, nos comentários que os leitores fizeram na página *online* da notícia), por causa da imagem (*ethos*) prévia do jornal, que tem compromisso em relação ao que noticia, e também da construída pelo discurso, que se põe contrário à ação dos responsáveis pelo ocorrido com o menino Henry, das imagens dos envolvidos, tanto as prévias quanto as construídas pelo discurso (*ethé*) e também pelos sentimentos e emoções suscitados (*pathos*). E toda essa mobilização ocorreu devido às escolhas dos itens lexicais.

Contudo, é primordial destacar que os itens lexicais por si só não poderiam explicar a mobilização do *logos*, do *ethos* e do *pathos*, mas têm sentido considerando os contextos sociocultural e situacional em que eles se encontram. Por isso, mesmo não apresentando uma “intenção argumentativa”, as marcas da argumentação podem ser encontradas em um texto do gênero notícia.

O artigo traz contribuições para os estudos do discurso e da argumentação, uma vez que apresenta um exercício de aplicação da Teoria da Argumentação no Discurso proposta por Amossy (2011, 2017, 2020) a uma notícia, texto que se pretende neutro. Portanto, sua importância está em se provar, por meio da análise, que a persuasão também ocorre em gêneros discursivos considerados informativos, ou seja, cumpre o trabalho de ratificar teorias sobre o campo.

Referências

ADAM, Jean Michel. **Textos**: tipos e protótipos. Tradução: Mônica Magalhães Cavalcante et. al. São Paulo: Contexto, 2019.

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. Tradução: Dilson Ferreira et al. São Paulo: Contexto, 2005.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante. Tradução: Rosalice Pinto et al. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389/395>. Acesso em: 02 set. 2021.

AMOSSY, Ruth. **Argumentação no discurso**. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio-Ferreira. Tradução: Angela M. S. Corrêa et al. São Paulo: Contexto, 2020.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

CONFORTE, André. Argumentação na perspectiva da iconicidade verbal. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, v. 1. n. 26, p. 49-76, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/27178/19663>. Acesso em: 15 set. 2021.

“SESSÃO DE TORTURA” causou morte de Henry. **Diário de Pernambuco** [online], Pernambuco, 09 abr. 2021. Brasil. Disponível em: <http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br>. Acesso em: 22 de set. de 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. **Le contexte de l'oeuvre littéraire**. Paris: Dunod, 1993.

MARQUES, Maria Aldina. Argumentação e(m) discursos. In: DUARTE, Isabel Margarida; FIGUEIREDO, Olívia (orgs.). **Português, linguagem e ensino**. Porto: Universidade do Porto Editorial, 2011.

PLANTIN, Christian. **L'argumentation: histoire, théories e perspectives**. Paris: PUF, 2005.

VALENTE, André. Argumentação e textualidade em crônicas jornalísticas. In: VALENTE, André; PEREIRA, Maria Teresa G. **Língua portuguesa: descrição e ensino**. São Paulo: Parábola, 2011.

Anexo

DIÁRIO de PERNAMBUCO IMPRESSO

“Sessão de tortura” causou morte de Henry

Investigação policial indica que o garoto teria sido espancado pelo padrasto, Dr. Jairinho, e a mãe do menino, Monique Medeiros, sabia dos maus-tratos

Publicação: 09/04/2021 03:00

A Polícia Civil do Rio de Janeiro já concluiu que a morte do menino Henry Borel, de 4 anos, foi provocada por uma sessão de tortura” ministrada pelo padrasto da criança, o vereador Jairo Souza Santos, o Dr. Jairinho. O inquérito ainda não foi encerrado, mas deve ser encaminhado nos próximos dias ao Ministério Público do Rio de Janeiro. Dr. Jairinho e Monique Medeiros da Costa e Silva, mãe da criança, foram presos preventivamente ontem.

Segundo o delegado Henrique Damasceno, responsável pelo caso, a polícia tem provas suficientes de que o padrasto foi o responsável pela morte da criança. “Não resta a menor dúvida sobre a autoria do crime. A investigação segue, entretanto já reunimos provas muito fortes a respeito de toda essa dinâmica e participação de cada um deles”.

O vereador, conforme investigação, agredia o menino com chutes e socos, e Monique sabia, ao menos, desde fevereiro. Os mandados de prisão temporária foram expedidos pela juíza Elizabeth Louro Machado, do Tribunal do Júri da capital. Eles devem ficar presos por 30 dias.

O casal afirma que encontrou a criança caída da cama, na madrugada do dia 8 de março. Porém, a autópsia apontou como causa da morte hemorragia interna no fígado com sinais de violência. A equipe médica afirmou que Henry já chegou morto no hospital. Além do fígado, a criança teve lesões na cabeça, no rim e pulmão.

Durante a investigação foram ouvidas diversas testemunhas e apreendidos vários celulares. No telefone da mãe foram encontrados prints de conversa do dia 12 de fevereiro, quase um mês antes da morte do menino, que denunciam agressões sofridas pela criança. “O que nos chamou a atenção era que era uma conversa entre ela e a babá sobre uma rotina de violência que o Henry sofria. A babá fala que o Henry relatou que o padrasto o pegou pelo braço, deu uma rasteira e chutou. A própria babá fala que ele estava mancando e com dor na cabeça”, contou. “Ela esteve em depoimento por mais de quatro horas com uma declaração mentirosa protegendo o assassino do filho”, completou.

O promotor Marcos Cak acrescentou que a hipótese inicial, apresentada pelo casal, de acidente doméstico, não se sustentou ao longo da investigação. “A versão de acidente é uma versão fantasiosa. Aos olhos do leigo, parece uma investigação simples, mas o Ministério Público e Polícia não trabalham com opinião. Trabalham com provas”, destacou. (Correio Braziliense)

A polícia prendeu Dr. Jairinho e Monique após constatar que eles tentaram combinar depoimentos com testemunhas. Segundo a polícia, no ato da prisão, os dois não resistiram, porém tentaram jogar celulares pela janela. Os aparelhos foram recuperados. Além disso, os dois não foram encontrados no endereço que tinham informado para a polícia, mas na casa de uma tia do vereador.

O pai do menino Henry Borel, 4 anos, Leniel Borel, pronunciou-se após a prisão preventiva da ex-mulher, Monique Medeiros, mãe da criança, e do namorado dela, Dr. Jairinho. “Esta infeliz matou meu filho. Meu filhinho deve ter sofrido muito”. disse o engenheiro à TV Globo.

Antes mesmo de saber da prisão do casal, Leniel tinha postado nas redes sociais uma homenagem ao filho. Nesta quinta-feira, completa um mês da morte da criança. “Henry, 30 dias desde que te dei o último abraço. Nunca vou esquecer de cada minuto do nosso último final de semana juntos. Deixar você bem, cheio de vida, com todos os sonhos e vontades de uma criança inocente. Desculpe o papai por não ter feito mais, lutado mais e protegido você muito mais”, escreveu.

Dr. Jairinho era filiado ao Solidariedade, que o afastou ontem da legenda. Em nota, o Solidariedade repudiou atos de violência. “Nós, enquanto um partido formado por cidadãos que buscam um futuro melhor, manifestamos nosso repúdio a todo e qualquer tipo de maus tratos e violência, principalmente contra crianças e adolescentes. Lutamos pelos desfavorecidos e seguiremos atentos aos mais vulneráveis de nossa sociedade”, afirma o comunicado.

O vereador é integrante do Conselho de Ética da Câmara dos vereadores, que começou analisar ontem o afastamento do exercício do mandato. Segundo o regimento interno da Casa, o salário de Jairinho foi automaticamente suspenso quando ele foi preso. Ele também pode perder o direito de exercer a medicina.

Fonte:

<http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/noticia/cadernos/brasil/2021/04/sessao-de-tortura-causou-morte-de-henry.html>